Romarias Quaresmais na Ilha de São Miguel-Açores: Contributos para o Estudo das Peregrinações Açorianas

Resumo

A forte ligação espiritual com o catolicismo, trazido quando do povoamento pelos portugueses e o temor da natureza vulcânica das ilhas Açorianas, traduziu-se no século XVI em uma peregrinação ao redor da ilha durante uma semana. Apelando à benevolência da Virgem através da penitência e oração, ocorre a caminhada onde se realizam paradas quando se deparam com templos católicos no período da Quaresma.

Palavras-chave: Religião. Cristianismo. Romeiros. Quaresma. Açores.

Abstract

The strong spiritual connection with Catholicism, brought in by the settlement by the Portuguese and the fear of the volcanic nature of the Atlantic islands, was translated in the XVI century in a pilgrimage around the island during a week. Appealing to the Virgin's benevolence through penance and prayer, there is the walk where they make stops when they encounter Catholic temples in the Lenten period.

Keywords: Religion. Christianity. Romeiros. Lent. Azores.

Introdução

O presente ensaio tem como principal objeto de estudo o fenómeno da religiosidade na ilha de São Miguel, localizada no arquipélago dos Açores, em Portugal, através das romarias quaresmais que ocorrem anualmente.

**Prof.^a Me. Creusa
Maria Silva Raposo**

Doutoranda em Estudos do Património da Universidade Católica Portuguesa

Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento. Sociedade Ibero-Americana de Antropologia Aplicada.

E-mail: creusamsr@gmail.com

Figura 1 – Arquipélago dos Açores no Oceano Atlântico

Fonte: Wikipedia.org

A ilha de São Miguel Arcanjo, como também é conhecida, quando da sua descoberta em 1432 pelo navegador Gonçalo Velho Cabral, encontrava-se revestida por uma cobertura de árvores altas e arbustos, assim como por um intenso matagal (ALMEIDA, 2012). Deparados com um cenário de natureza indomada, os povoadores portugueses dos anos de quatrocentos e de quinhentos, tiveram de transformá-la e preparar o seu novo habitat (ALMEIDA, 2012).

Esta ilha de São Miguel em que, Senhora, estamos é montuosa e regada de ribeiras, e era logo, quando se achou, coberta de arvoredos, graciosa em sua situação e, por ser húmida com as águas das chuvas e ribeiras e quente do sol, criou tantos e tão espessos arvoredos que com sua sombra conservavam nela esta humidade sempre fresca e durável, com que ela ficou e estava no princípio tão fumosa de tão grossos vapores, sem ter o sol força para os gastar nem penetrar com seus raios, nem os ventos livre entrada para

os lançar daqueles lugares sombrios da espessura do arvoredado [...] Mas, o que em longíssimos e antiquíssimos anos foi criado, em tão poucos se queimou, roçou e consumiu quase tudo depois de achada [...]. (FRUTUOSO, 2005)

O sistema administrativo de divisão e posse da terra, baseou-se nas chamadas “dadas” ou “sesmarias”, onde o dono da terra tinha a obrigação de construir uma “cafua” e um “curral”, roçar o terreno, efetuar benfeitorias e estabelecer acessos para uso comum, atribuídas pelo Capitão do Donatário, a fim de promover a fixação de núcleos familiares (RAPOSO, 2016).

Apesar deste povoamento ter tido maior significado apenas a partir de 1444, a estrutura fundiária se cristalizou muito cedo, em grande parte devido à vinculação dos bens ainda na primeira metade do século XVI, restringindo o homem comum ao contrato de locação das terras ou ao trabalho a soldo do proprietário (ALMEIDA, 2012).

A primeira economia das ilhas tinha como protagonista a produção de trigo, cedro do mato, pastel e urzela (RAPOSO, 2016).

Alguns anos depois do descobrimento e povoação desta ilha, era vila somente Vila Franca do Campo e a cabeça de toda ela, sem haver outra, senão alguns lugares, como suas aldeias, em que havia juízes pedâneos e alcaldes, e seus moradores eram obrigados a ir a ela todos os dias de festa principais, em que havia procissões solenes. (FRUTUOSO, 2005)

A primeira capital da ilha de São Miguel, Vila Franca do Campo, encontrava-se quase rés-vês com o mar. Alinhada entre a orla da costa rasa e os montes que a circundam ao norte, toda vestida de branco, entre a verdura dos prados e as quintas afamadas com suas igrejas, parece, ainda hoje, acenar aos navios, que cruzaram estas águas atlânticas.

Vila Franca do Campo foi fundada em 1444 por povoadores fixados inicialmente na Povoação Velha e que se deslocaram para sudeste (SANTOS, 1989). No século XVI, devido ao aumento significativo da população, os mesmos solicitaram a el-Rei o estatuto de vila. Desta forma, criou-se a primeira capital da ilha, quando lhes foram entregues as funções políticas e administrativas de natureza civil e religiosa. Segundo Gaspar Frutuoso era a vila mais populosa dos Açores, onde residiam os Ministros da Justiça Eclesiástica e Secular, nobres e fidalgos.

As ilhas foram vitimadas frequentemente por sismos e erupções vulcânicas, das quais a de 1522 foi determinante para o surgimento das romarias quaresmais. Meses antes **“do dia do tremor, dia do mistério, o dia do dilúvio”**, mais concretamente, em 22 de outubro de 1522, chegou à ilha de São Miguel, o Frei Afonso de Toledo. Este, considerou a ilha um paraíso e julgou que os seus habitantes tinham perdido o temor a Deus.

Assim, nas suas pregações e sermões, apelou à penitência e oração para que não houvesse castigos divinos (FRUTUOSO, 2005). Porém, na

madrugada do mesmo dia, uma quarta-feira, por voltas das 2 horas, o céu estava estrelado, com ausência de vento e de nuvens, e com tempo sereno, quando

[...] começou a tremer a terra mais que outras vezes tremia, e a dar fortes balanços, parecendo maresia [...] exaltações senão de minerais de salitre e enxofre, que cresciam muito debaixo da terra [...] se sentiu em toda a ilha um grandíssimo e espantoso tremor de terra, que durou o espaço de um Credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro dela, fazendo-a dar grandes abalos, com rancos e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores da ilha, que virava o centro dela para cima e que o céu caía. (FRUTUOSO, 2005)

O terremoto apanhou as pessoas desprevenidas e vitimou grande parte da população e fez ruir as habitações e edificações nobres da vila, provocando o seu desabamento. As grotas encheram-se de lodo e lama arrastando consigo árvores, pedregulhos, animais e até mesmo pessoas, provocando um enorme aluimento de terras que soterrou a primeira capital de São Miguel, provocando a morte da esmagadora maioria dos seus habitantes.

Teve epicentro nas proximidades de Vila Franca do Campo, que foi subvertida por uma montanha que se despenhou atingindo 10 na escala de **Mercalli** e sentido em toda a ilha, mas com intensidade significativa em Ponta Garça, Água do Pau, Furnas, Fenais da Ajuda e Maia. Para além disso o enorme escoamento de terra ao entrar no mar e ao dissipar-se formou uma forte ondulação, que afectou algumas embarcações ancoradas perto do Ilhéu de Vila Franca do Campo, devido ao impacto e volume de água deslocada. Sucederam ao sismo três grandes réplicas, mas de menor duração atingindo 8 na referida escala (SANTOS, 1989).

A tragédia que arrasou a vila provocou temor ao ponto de alguns habitantes partirem para o reino e se estabelecerem em outras localidades

da ilha, nomeadamente na vila de Ponta Delgada. Os que permaneceram, temerosos que os seus dias estivessem próximos do fim, realizaram procissões, eucaristias, penitências e esmolos, iniciando uma romaria ao redor da ilha e invocando a proteção da Virgem Maria (FRUTUOSO, 2005).

As romarias quaresmais

As origens das romarias quaresmais são frequentemente atribuídas às crises sísmicas que ocorreram a partir de 1522 e constituem-se em uma peregrinação religiosa que, em vez de se dirigir a um templo ou lugar santo, ocorre ao redor da ilha de São Miguel, por entre atalhos e/ou caminhos principais.

Frei Agostinho de Monte Alverne elucida-nos da ocorrência de uma erupção vulcânica no vale das Furnas, concelho da Povoação em 1630 na sua obra **“Crônicas da Província de São João Evangelista das Ilhas dos Açores”** e que, como forma de penitência e de apelo por proteção divina, os habitantes da ilha percorreram a pé as casas de Nossa Senhora de noite e dia (ALVERNE, 1695).

Alguns relatos dos cronistas das ilhas açorianas, como Frei Diogo das Chagas, Padre António Cordeiro, Gaspar Frutuoso e Monte Alverne, indicam que estas peregrinações eram realizadas tanto por casais, como por famílias. Realidade que foi, inclusive, retratada em uma das obras do pintor Domingos Rebelo (1891-1975), de considerável renome nos Açores e em Portugal.

A proibição da incorporação feminina surgiu em 1707 por parte da hierarquia eclesiástica, juntamente com a extinção de bailes e instrumentos musicais, após a visita à paróquia de Nossa Senhora do Rosário da Lagoa, pois o visitante afirmou que estas práticas eram indecentes e indecorosas. Foi mais além ao apelar ao “poder masculino” dos maridos, pais, irmãos e tios a fim de impedirem a presença feminina.

Figura 2 – Obra **As promessas**, de Domingos Rebelo, 1960. Óleo sobre tela

Fonte: Coleção do Museu Carlos Machado.
Fotografia de António Pacheco, 2010

Em 1743 as romarias foram proibidas completamente pela hierarquia eclesiástica, mas já o haviam sido desde 1705, ordem esta ignorada pelo povo, tornando esta devoção um cariz autônomo e popular.

Atualmente os romeiros param nas igrejas e ermidas das várias freguesias da ilha, mas nos seus primórdios apenas frequentavam os templos marianos sob a designação de “visita às casinhas ou capelinhas de Nossa Senhora” (PONTE, 2007). Neste ritual religioso encontramos determinadas particularidades como a permanência ao longo dos séculos, o traje do romeiro, a alimentação, a confraternização e a devoção à fé católica.

A quaresma é o período anual eleito para a manifestação, em contraponto à época caracterizada pelo entrudo, ou carnaval, onde a festa popular é composta por excessos em todos os campos da vida humana, individual e coletiva. A quarta-feira de cinzas, marca o início de um tempo de penitência, jejum, abstinência, reflexão e oração, onde os entes falecidos também eram lembrados, até pelo menos no século XX, e todo o período era vivido com um espírito de disciplina, dentro dos ideais cristãos e católicos fortemente seguidos pelos açorianos.

A cada semana da quaresma partem em romaria diversos ranchos de várias freguesias da ilha e frequentemente das comunidades

de emigrantes açorianos como do Canadá, Estados Unidos e Bermuda, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 1

	Freguesia	Data de saída	Data de regresso
1	Cabouco	09/03/2019	16/03/2019
2	Calhetas	09/03/2019	16/03/2019
3	Candelária	09/03/2019	16/03/2019
4	Arrifes - Milagres	10/03/2019	17/03/2019
5	Ribeira Quente e Furnas	09/03/2019	16/03/2019
6	Ribeirinha	09/03/2019	16/03/2019
7	São Pedro - Ponta Delgada	09/03/2019	16/03/2019
8	São Roque	09/03/2019	16/03/2019
9	Santa Bárbara - Ponta Delgada	09/03/2019	16/03/2019
10	Várzea	09/03/2019	16/03/2019
11	Santa Maria - Toronto	10/03/2019	17/03/2019
12	Conceição - Ribeira Grande	16/03/2019	23/03/2019
13	Fajã de Cima	16/03/2019	23/03/2019
14	Pilar da Bretanha	16/03/2019	23/03/2019
15	Ribeira Seca - Ribeira Grande	16/03/2019	23/03/2019
16	Vila de Nordeste e Pedreira	17/03/2019	24/03/2019
17	Sete Cidades	16/03/2019	23/03/2019
18	São Pedro e Santo António- Nordeste	16/03/2019	23/03/2019
19	São Sebastião - Toronto	17/03/2019	24/03/2019
20	Matriz de Ponta Delgada	16/03/2019	24/03/2019
21	Vila da Povoação	16/03/2019	24/03/2019
22	Covoadá	23/03/2019	30/03/2019
23	Fajã de Baixo	23/03/2019	30/03/2019
24	Maia	23/03/2019	30/03/2019
25	Ponta Garça	23/03/2019	30/03/2019
26	Porto Formoso	23/03/2019	30/03/2019
27	Remédios Lagoa	23/03/2019	30/03/2019
28	São José - Ponta Delgada	23/03/2019	30/03/2019
29	Santo António - Ponta Delgada	23/03/2019	30/03/2019
30	Santa Bárbara - Ribeira Grande	23/03/2019	30/03/2019
31	Lomba da Fazenda	24/03/2019	31/03/2019
32	Algarvia	31/03/2019	07/04/2019
33	Capelas	30/03/2019	06/04/2019
34	Fenais da Ajuda	30/03/2019	06/04/2019

	Freguesia	Data de saída	Data de regresso
35	Feteiras	30/03/2019	06/04/2019
36	Livramento	30/03/2019	06/04/2019
37	Lomba do Loução	30/03/2019	06/04/2019
38	Matriz da Ribeira Grande	30/03/2019	06/04/2019
39	Ribeira das Tainhas	31/03/2019	07/04/2019
40	Matriz de Vila Franca do Campo	30/03/2019	06/04/2019
41	Água d'Alto	06/04/2019	13/04/2019
42	Água de Pau	06/04/2019	13/04/2019
43	Ajuda da Bretanha	06/04/2019	13/04/2019
44	Fenais da Luz	06/04/2019	13/04/2019
45	Feiteira Pequena e Santana	07/04/2019	14/04/2019
46	Lombinha da Maia	06/04/2019	13/04/2019
47	Relva	06/04/2019	13/04/2019
48	Remédios da Bretanha	06/04/2019	13/04/2019
49	Santa Clara	06/04/2019	13/04/2019
50	Matriz e Santa Cruz - Lagoa	06/04/2019	13/04/2019
51	São Brás	07/04/2019	14/04/2019
52	Arrifes - Saúde	06/04/2019	13/04/2019
53	Pico da Pedra	11/04/2019	18/04/2019
54	Rabo de Peixe	11/04/2019	18/04/2019
55	Rosário	11/04/2019	18/04/2019

Fonte: Elaborada pela autora

Os protagonistas do nosso tempo são homens entre os dez e oitenta anos aproximadamente, organizados em ranchos que variam entre os trinta e setenta elementos, podendo alguns ultrapassar estes valores.

A partida ocorre geralmente na madrugada de sábado após a celebração da eucaristia na paróquia de residência. Aqui tem lugar a despedida do romeiro e do seu núcleo familiar (Entrevista G. Silva, 2019): **“Nós saímos do nosso bem-estar, da nossa vida habitual, portanto dia-a-dia, deixamos a nossa casa, nossos filhos, nossa esposa e todos os nossos haveres e saímos na caminhada em oração.”** (Entrevista C. Vieira, 2018).

O traje do romeiro é composto por um lenço ao pescoço, um xaile pelos ombros, um terço e

um bordão nas mãos, uma cevadeira às costas e roupa e calçado confortável. O lenço pode ser também amarrado quando colocado à cabeça. Na cevadeira – saco de pano – são transportados alguns alimentos e uma muda de roupa. O xaile e o lenço adquiriram um padrão típico nas últimas décadas, mas no passado utilizavam o melhor que tinham em casa, geralmente das suas mães ou irmãs.

O rancho segue pelas estradas da ilha em duas filas indianas. Ao meio, o primeiro da frente é o elemento mais jovem. Cabe-lhe carregar a cruz de Cristo de tamanho considerável. O grupo compõe-se hierarquicamente pelo “mestre”, “contra-mestre”, “guias”, “ajudantes” um ou dois “romeiros-dispenseiros”, o “alembador

das almas”, o “procurador das almas” e os restantes romeiros, que se tratam entre si e às restantes pessoas com que se cruzam por “irmão” ou “irmã”. (Entrevista C. Vieira, 2018)

O “mestre” é o líder da romaria. Assumia a grande responsabilidade de mantê-la em ordem, autorizando ou negando o que lhe era solicitado pelo rancho e por quem os restantes romeiros detinham uma obediência total (Entrevista J. Leite, 2019). Hoje a sua função é de cariz logístico e espiritual, essencialmente, quer através da orientação, do conselho ou da motivação, sendo responsável pela condução ao bom sucesso, através da caridade e justiça para com todos os irmãos.

Conserva a paz, a harmonia, o respeito e a disciplina, cabendo-lhe igualmente estar atento à saúde dos romeiros e gerir o horário diário para que o cumpram rigorosamente. É o mestre também que regula a marcha, determina as interrupções para descanso, necessidades fisiológicas e refeições. Sempre que possível realiza uma leitura bíblica e meditação ao iniciar o novo dia. Designa também o irmão que fará a oração em cada templo (oração da manhã, da noite e das refeições). Assume responsabilidades que implicam a segurança rodoviária do rancho, de data a efetuar a peregrinação, a distribuição das pernoitas, a definição do itinerário, entre outros. Por fim a tradição do rito e a exclusão de modificações ou alterações está sob a sua alçada (REGULAMENTO, 2017).

Muitas vezes o cansaço toca mais alto e começamos a falar pela cabeça e não pelo coração. Temos de saber se temos algum irmão com algum problema físico, temos de estar muito atentos. Algum irmão precisa de uma palavra amiga, sente-se desmotivado pelo cansaço e é aí que o mestre entra em acção. (Entrevista C. Vieira, 2018)

De maneira geral, o “contra-mestre” toma o lugar do mestre sempre que solicitado; os “guias”

são responsáveis pela condução do percurso tradicionalmente estabelecido; e os “ajudantes” colaboram com o mestre nas orações, refeições e imprevistos (REGULAMENTO, 2017).

Os “romeiros-dispenseiros” são os encarregados da alimentação do rancho e os únicos que podem abandonar provisoriamente o grupo para adquirirem mantimentos (LEAL, 1994). No entanto, a alimentação do romeiro é muito simples, baseando-se em uma sopa, pão ou **bolo lêvedo**,¹ podendo incluir alguma refeição quente esporadicamente. A prioridade é dada à água e à hidratação (Entrevista C. Vieira, 2018).

Figura 3 – Bolo lêvedo

Fonte: Fotografia de Creusa Raposo, 2019

Em loco verificou-se ainda o consumo de bebidas gaseificadas e de uma refeição quente composta essencialmente por feijão e carne de porco, quando de uma paragem no Miradouro da Ponta do Sossego. A cruz foi colocada sobre a mesa e alguns romeiros alimentaram-se sentados à junto dela, enquanto outros preferiram degustar a refeição isolados ou em contemplação do mar e das árvores em redor.

O “alembreador das almas” e o “procurador das almas” são os encarregados de recolher as intenções de oração junto dos irmãos que os procuram na via ou que os interpelem nos

¹ Iguaia típica da ilha de São Miguel, inicialmente confeccionada na localidade de Furnas. Define-se por ser um pão doce de forma arredondada e tamanho médio. É igualmente referenciado por **bolo inchado**.

templos. Quando obtêm um terço completo de orações solicitadas, o mestre é informado, e em uma zona privada o terço é rezado. As intenções dizem respeito à vida privada dos micaelenses, geralmente por situações graves (Entrevista A. Nascimento, 2018), e estes também o são igualmente responsáveis pelas orações especiais, como por exemplo ao passar pelos cemitérios (REGULAMENTO, 2017).

A “Ave-Maria dos romeiros” é um cântico característico destas romarias, construído a partir da oração da Ave-Maria (Entrevista A. Massa, 2019). É cantado em coro e da qual Bettencourt da Câmara, citado por João Leal, afirma ter influências do cantochão combinado com elementos de natureza popular (LEAL, 1994). Mais conhecido por canto gregoriano, é um cântico tradicional da igreja católica que consiste em uma única melodia de textura monofônica composto sobre textos litúrgicos latinos e de origem judaica.

A “Ave-Maria dos romeiros” ocorre em responsorial, onde o solista intercala com o coro. Outros cânticos podem ser cantados em direto, ou seja, sem alternância entre o solista e o coro. O terço também é rezado principalmente quando o rancho caminha por entre “escampados”, que são zonas de difícil movimentação e expostas às intempéries: **“nós somos sessenta e dois irmãos de Vila Franca do Campo. A irmã vai desejar alguma oração? Uma Ave-Maria pelas almas do purgatório. Está entregue, irmã. Que Nosso Senhor fique consigo.”** (Entrevista A. Nascimento, 2018).

É igualmente frequente a aproximação de cidadãos a fim de perguntarem o número de romeiros. A resposta indicada contempla os elementos do rancho e a Santíssima Trindade a fim de orarem por uma boa caminhada destes (Entrevista C. Vieira, 2018).

Eu passei e ela deu-me sinal, eu fui lá e disse: “Boa tarde, irmã” – e ela: – “Aí irmão” – e ela pôs-me logo a mão por cima do meu ombro. – “Ah irmão, tenho um pedido a fazer. Vocês rezem que eu tenho o meu neto quase na hora da morte” – e ela

quando disse aquilo as lágrimas veio-me logo aos olhos e a resposta que eu disse a ela: “A irmã fique descansada que agente vamos rezar por ele que Deus é grande e vai dar a alegria à irmã”. E ela: – “Posso beijar o seu crucifixo?” – Eu disse: – “Sim” – e ela beijou. No ano seguinte eu passei e ela estava à porta. Fui ter com ela e ela pôs-me logo a mão e abraçou-me: – “Oh irmão a sua oração foi correcta, o meu neto está bom”. (Entrevista C. Saeita, 2018)

É frequente que os últimos romeiros utilizem faixas de material fluorescente, permitindo a fácil identificação, dado que nas últimas décadas, uma das principais preocupações é evitar os acidentes de viação. O micaelense parte em romaria motivado pela fé em Deus e pela religião Católica Romana.

Em tempos cumpriam as promessas de outrem, ou seja, agradeciam de forma física por uma graça recebida pela família e que geralmente era prometida pela mãe ou pai do romeiro. Situações de doença eram frequentes, mas também desfortúnios associados à história das ilhas e do país, como por exemplo a Guerra Colonial Portuguesa ou a pretensão de incorporar as várias vagas de emigração para o Canadá, Bermuda e Estados Unidos da América em busca de melhores condições de vida.

Porém, nas últimas décadas os romeiros procuram um encontro espiritual consigo, com Deus e com a natureza (Entrevista T. Silva, 2018). O objetivo principal é a evolução como seres humanos de forma a serem **“um pouco melhores, melhores pais, melhores maridos, melhores amigos.”** (Entrevista R. Batista, 2018).

O romeiro é, portanto, um homem que acredita profundamente em Deus e que incorpora a romaria com o intuito de elevar o seu espírito e tornar-se melhor cidadão (Entrevista V. Santos, 2018).

Não raras vezes o romeiro repete anualmente este ritual, que aliás é incentivado e transmitido de geração em geração (Entrevista

Figura 4 – Romeiro adolescente

Fonte: Fotografia cedida pelo Sr. Gil Silva, década de sessenta do século XX

Figura 5 – Romeiros

Fonte: Fotografia de Eduardo Borges, 2012

P. Resendes, 2018). As crianças da ilha crescem com esta tradição, ouvindo sobre o assunto. Algumas escolas elaboram exposições temáticas e recriam o rito. Como resultado incorporam os ranchos de romeiros crianças e adolescentes de várias idades motivados muitas vezes pela curiosidade (Entrevista C. Vieira, 2018).

Eu tenho 14 anos. Já é o terceiro ano que vou. O meu pai ia de romeiro e eu gostava de experimentar. Fui e gostei. P'ro ano se puder eu venho. – O que vais pensando? – Penso como será o dia, rezo por mim, pelo Papa Francisco, pela minha família. (Entrevista L. Oliveira, 2018)

Uma das características fundamentais deste ritual é o isolamento da sociedade (LEAL, 1994). Este afastamento ocorre para com o núcleo familiar principal, composto por filhos, pais e esposas, e para com as tarefas do dia a dia, como emprego e relações com colegas e patrão. É frequente as

esposas comentarem a ausência dos maridos com grandes lamentações e em resposta recebem frases do gênero: **“levas o ano todo que não vês o teu homem e basta ele estar uma semana fora para estares com saudades. Deixa-o, mas é estar na romaria.”** (Entrevista C. Vieira, 2018).

O romeiro em momento algum pode abandonar o rancho, ou cumprimentar ou visitar familiares e amigos ao longo do percurso. Também não pode fumar, comer ou usar telefone móvel enquanto o rancho está em andamento (REGULAMENTO, 2017).

A oração e a penitência são fatores que especializam este ritual. Todo o percurso em redor da ilha, no sentido dos ponteiros do relógio, é feito a rezar, a meditar e a cantar (Entrevista C. Vieira, 2018).

O itinerário contempla os seis conselhos da ilha de São Miguel e cerca de cem templos católicos. Com uma configuração circular e predominantemente realizada pelo litoral atinge uma extensão aproximada de 200 km, ilustrados pela tabela que a seguir se apresenta (LEAL, 1994).

O silêncio também é valorizado e considerado fundamental na aproximação para com Deus e com a natureza de modo a alcançar a conversão (Entrevista T. Silva, 2018).

Figura 6 – Mapa da ilha de São Miguel

Fonte: <<https://sites.google.com/site/islandsaomiguel/mapa-da-ilha>>

Romeiro:

Seja bendita e louvada a Sagrada Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo". Rancho: **"Seja para sempre louvado com Sua e Nossa Mãe, Maria Santíssima"**. Romeiro: **"Gloria ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre. Amém"**. Romeiro: **"Irmãos, eu estou aqui diante da igreja de Santo António Nordestino (...) pedi a ele que também olhe pelas causas que tanto aspiramos. P'ra isto uma Avé-Maria"** (oração de improviso). Romeiro: **"Santo é o fruto do teu ventre, Santa Mãe, Santa Maria mãe de Deus e nossa mãe, rogai pelos pecadores, hoje e sempre até ao céu, Salvé"**.

Tabela 2

	Concelho	Freguesia	Templo
1	Vila Franca do Campo	Ponta Garça	Senhora da Vida
2	Vila Franca do Campo	Ribeira das Tainhas	Bom Jesus Menino
3	Vila Franca do Campo	São Miguel	Senhora da Paz

	Concelho	Freguesia	Templo
4	Vila Franca do Campo	São Miguel	Santo André
5	Vila Franca do Campo	São Miguel	Mãe de Deus
6	Vila Franca do Campo	São Miguel	São Miguel
7	Vila Franca do Campo	São Miguel	Bom Jesus da Pedra
8	Vila Franca do Campo	São Miguel	Senhora da Natividade
9	Vila Franca do Campo	São Pedro	São Pedro
10	Vila Franca do Campo	São Pedro	Senhora de Fátima
11	Vila Franca do Campo	Água de Alto	São Lázaro
12	Lagoa	Ribeira Chã	São José
13	Lagoa	Água de Pau	Senhora das Dores
14	Lagoa	Água de Pau	Senhora dos Anjos
15	Lagoa	Matriz	Santa Cruz
16	Lagoa	Rosário	Senhora do Rosário
17	Lagoa	Atalhada	Senhora das Necessidades
18	Ponta Delgada	Livramento	Senhora do Livramento
19	Ponta Delgada	Livramento	Senhora do Carmo
20	Ponta Delgada	Livramento	Senhora da Glória
21	Ponta Delgada	São Roque	São Roque
22	Ponta Delgada	Fajã de Baixo	São João de Deus
23	Ponta Delgada	Fajã de Baixo	Senhora dos Anjos
24	Ponta Delgada	Fajã de Cima	Senhora da Oliveira
25	Ponta Delgada	Matriz	São Sebastião
26	Ponta Delgada	São José	São José
27	Ponta Delgada	São José	Senhor Santo Cristo
28	Ponta Delgada	Arrifes	Senhora da Conceição
29	Ponta Delgada	Arrifes	Senhora da Piedade
30	Ponta Delgada	Arrifes	Senhora dos Milagres
31	Ponta Delgada	Arrifes	Senhora da Saúde
32	Ponta Delgada	Covoadá	Senhora da Ajuda
33	Ponta Delgada	Feteiras	Santa Luzia
34	Ponta Delgada	Candelária	Senhora das Candeias
35	Ponta Delgada	Candelária	Senhora do Socorro
36	Ponta Delgada	Ginetes	São Sebastião
37	Ponta Delgada	Ginetes	Senhora de Fátima
38	Ponta Delgada	Várzea	Sagrada Família
39	Ponta Delgada	Sete Cidades	São Nicolau
40	Ponta Delgada	Mosteiros	Senhora da Conceição

	Concelho	Freguesia	Templo
41	Ponta Delgada	Pilar da Bretanha	Senhora da Conceição
42	Ponta Delgada	Pilar da Bretanha	Senhora do Pilar
43	Ponta Delgada	Ajuda da Bretanha	Senhora da Ajuda
44	Ponta Delgada	Remédios da Bretanha	Senhora dos Remédios
45	Ponta Delgada	Santa Bárbara	Santa Bárbara
46	Ponta Delgada	Santo António	Santo António
47	Ponta Delgada	Capelas	Senhora da Apresentação
48	Ponta Delgada	Capelas	Senhora do Rosário
49	Ponta Delgada	São Vicente	Senhora da Conceição
50	Ponta Delgada	Fenais da Luz	Senhora da Luz
51	Ribeira Grande	Calhetas	Senhora da Boa Viagem
52	Ribeira Grande	Calhetas	Senhora das Mercês
53	Ribeira Grande	Rabo de Peixe	Senhora do Rosário
54	Ribeira Grande	Rabo de Peixe	Jesus Crucificado
55	Ribeira Grande	Ribeira Seca	São Pedro
56	Ribeira Grande	Conceição	Senhora do Guadalupe
57	Ribeira Grande	Conceição	Senhora da Conceição
58	Ribeira Grande	Matriz	Senhor dos Passos
59	Ribeira Grande	Matriz	Senhora da Estrela
60	Ribeira Grande	Matriz	Senhora de Fátima
61	Ribeira Grande	Ribeirinha	São Salvador do Mundo
62	Ribeira Grande	Porto Formoso	Senhora da Graça
63	Ribeira Grande	São Brás	São Brás
64	Ribeira Grande	Gorreana	Senhora do Resgate
65	Ribeira Grande	Maia	Divino Espírito Santo
66	Ribeira Grande	Lombinha da Maia	Senhora das Dores
67	Ribeira Grande	Lomba da Maia	Senhora do Rosário
68	Ribeira Grande	Ribeira Funda	Senhora da Aflição
69	Ribeira Grande	Fenais da Ajuda	Reis Magos
70	Ribeira Grande	Fenais da Ajuda	Senhora da Ajuda
71	Ribeira Grande	Lomba de São Pedro	São Pedro
72	Nordeste	Salga	São José
73	Nordeste	Achadinha	Senhora do Rosário
74	Nordeste	Achada	Senhora da Anunciação
75	Nordeste	Feteira Pequena	Santa Ana
76	Nordeste	Algarvia	Senhora do Amparo
77	Nordeste	Santo António	Santo António

	Concelho	Freguesia	Templo
78	Nordeste	São Pedro	São Pedro
79	Nordeste	São Pedro	Senhor do Pranto
80	Nordeste	Lomba da Fazenda	Senhora da Conceição
81	Nordeste	Vila de Nordeste	São Jorge
82	Nordeste	Vila de Nordeste	Senhora da Nazaré
83	Nordeste	Pedreira	Senhora da Luz
84	Povoação	Água Retorta	Senhora da Penha de França
85	Povoação	Faial da Terra	Senhora da Graça
86	Povoação	Vila da Povoação	Senhora dos Remédios
87	Povoação	Vila da Povoação	Mãe de deus
88	Povoação	Vila da Povoação	Senhora do Rosário
89	Povoação	Ribeira Quente	São Paulo
90	Povoação	Furnas	Senhora da Alegria
91	Povoação	Furnas	Santa Ana
92	Povoação	Furnas	Senhora da Vitória
93	Vila Franca do Campo	Ponta Garça	Senhora das Mercês
94	Vila Franca do Campo	Ponta Garça	Senhora da Piedade

Fonte: Elaborada pela autora

A caminhada é revestida de um sentido penitencial, primeiro pelas características geomorfológicas da ilha onde marcam presença vales, montes, picos, ribeiras, entre outros. Em segundo lugar, pela ausência de eletricidade que só surgiu na ilha a partir de 1900 (INSULANA, 1953, p. 41-61), propagando-se de forma lenta e culminando a sua electrificação total nos anos 1970 do século XX (Entrevista L. Martins, 2015). Uma das formas de amenizar as circunstâncias era através de atalhos e canadas, mas continuavam à mercê do clima, chuvoso, da humidade elevada e de temperaturas relativamente baixas (Entrevista G. Silva, 2019).

Muitas vezes os romeiros realizavam o percurso descalços, traduzindo a miséria e a pobreza da região, e alguns cumpriam o ritual a pão e água intensificando ao máximo a penitência a fim de espiar os seus pecados e os alheios (LEAL, 1994). Atualmente, não se realiza mais o ritual descalço, mas alguns permanecem a pão e água por promessa individual, no entanto, o ritmo diário do percurso continua rígido e meticulosamente controlado, iniciando-se com o despertar pelas 2h30min. da madrugada e com o andamento às 4h. Por média caminham diariamente cerca

de quinze horas, chegando à pernoita pelas 19h (Entrevista C. Vieira, 2018).

A dureza da penitência torna-se evidente ao longo do passar das horas com vários tipos de sequelas (bolhas e calos nos pés, dores musculares etc.) e cansaço geral (LEAL, 1994, p. 246). Nas paragens autorizadas pelo mestre os romeiros aproveitam para cuidar das feridas ou para receberem massagens com pomadas. Sentam-se ou deitam-se nos passeios a repousar. Este momento termina com o tocar de uma pequena sineta.

Outra grande característica deste ritual prende-se com a relação que os romeiros possuem entre si. A fraternidade exterioriza-se não só por se tratarem por “irmãos”, mas por se relacionarem como tal. Saúdam-se habitualmente com um abraço. Definem-se como membros de uma mesma família, onde praticam a camaradagem e a solidariedade (Entrevista T. Silva, 2018). Num encontro entre ranchos foi possível visualizar os romeiros cumprimentarem-se envolvendo cada um a sua mão direita e beijando a do irmão, dado que o rancho local lhes cedeu instalações para repousarem.

A harmonia é de tal ordem importante que em caso de diferenças entre romeiros se deve promover um pequeno ritual de reconciliação, num local apropriado, escolhido pelo mestre onde tocará a pequena sineta. Aqui os incompatibilizados são convidados a abraçarem-se. O mestre ainda poderá determinar que caminhem lado-a-lado durante a romaria e a pernoitarem juntos a fim de incentivar a renovação da amizade entre eles.(LEAL, 1994, p. 250).

Figura 7 – Romeiro à porta do templo

Fonte: Fotografia de Rui Oliveira, 2018

Quando se deparam com uma igreja, ermida ou capela é realizada uma paragem com oração, mesmo que o templo se encontre fechado. Nos que se encontram abertos entram, pedindo licença ao patrono ou à padroeira do templo. À porta deixam os seus bordões, quer no chão, quer encostados à parede. Em caso de ocorrer a eucaristia a oração ocorre à porta e em voz baixa sem perturbar o culto. Por se realizar na Quaresma é frequente os romeiros encontrarem o Santíssimo exposto. Assim efectuam orações e preces, geralmente ajoelhados e sob o intermédio da Virgem Maria.

A pernoita consiste na distribuição dos romeiros em residências ou locais de acolhimento onde jantam, tomam banho e dormem. No passado a pernoita podia ser mais um acto de penitência pelas deficientes condições, onde frequentemente dormiam nos bancos de madeira das igrejas. Por mais pobre que fosse uma família, ao acolher um romeiro, apresentava-lhe a melhor comida que possuía e a melhor cama. Era frequente as senhoras secarem as roupas dos romeiros junto ao forno de lenha, a fim de serem utilizadas no dia seguinte.

Figura 8 – Rancho de Romeiros da paróquia de N.ª Sr.ª da Saúde antes da partida

Fonte: Fotografia gentilmente cedida pelo Sr. Gil Silva, década de sessenta do séc. XX

No entanto, algumas penitências eram acentuadas com a recusa de tomar banho, de fazer a barba ou a preferência por dormirem no chão (Entrevista G. Silva, 2019). Hoje a maior parte é acolhida pelas casas das freguesias por onde passam ou em casos extremos as juntas de freguesia providenciam espaços como salões comunitários ou polivalentes escolares para o efeito. Não raras vezes foram acolhidos pelo Regimento de Guarnição n.º 2, na freguesia de Arrifes em Ponta Delgada.

A chegada ocorre geralmente no Domingo de manhã, à hora da eucaristia habitual. Aqui são aguardados pelas famílias onde após a missa se dá um reencontro caloroso e termina a romaria (Entrevista G. Silva, 2019).

Considerações finais

As romarias quaresmais da ilha de São Miguel possuem origens que remontam ao século XVI a propósito de fenómenos naturais de origem vulcânica. Apesar de proibidas pela igreja perduraram até aos nossos dias por terem adquirido um cariz autocéfalo.

Durante a Quaresma partem em peregrinação em redor da ilha do Arco de São Miguel visitando os templos católicos em grupos de dimensões consideráveis e de várias faixas etárias. O traje do romeiro foi padronizado de forma a ser facilmente identificado, assim como o seu canto de inspiração gregoriana. A sua alimentação é modesta, tal como a sua rotina. Durante uma semana o rancho vivencia a sua fé através da oração, meditação, do silêncio, do afastamento da sociedade, da penitência, da fraternidade e partilha. O objetivo do romeiro é o de encontrar-se com Deus e com a natureza a fim de ser uma pessoa melhor dentro da sua comunidade.

Referências

- ALMEIDA, R. **Território e paisagem na Ilha de São Miguel**: séculos XV a XVIII. Ponta Delgada: Direcção Regional da Cultura, Presidência do Governo Regional dos Açores, 2012.
- ALVERNE, A. **Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores**. v. 2. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1961.
- ASSOCIAÇÃO DOS ROMEIROS DE SÃO MIGUEL. **Regulamento do Movimento Romeiro de São Miguel**. Açores, 2017.
- FRUTUOSO, G. **Saudades da terra**: livro IV. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores; Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2005.
- INSULANA. **José Cordeiro (engenheiro)**. Ponta Delgada: Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1953.
- LEAL, J. **As festas do Espírito Santo nos Açores** – um estudo de Antropologia Social. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- PONTE, C. **Romeiros de S. Miguel**: entre a tradição e inovação. Da oralidade ao texto escrito. 2008. 406 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Poitiers, Poitiers, França, 2008.
- RAPOSO, C. **Arrifes**: urbanismo e património construído. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade dos Açores. Ponta Delgada, Açores, 2016.
- SANTOS, J. **Os Açores nos séculos XV e XVI**. v. 1. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais; Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1989.